



SERMÃO DO DIA DO ESPÍRITO DE PROFECIA 2025

“Ainda não” e “Agora”: Ellen White e a Realidade do Reino de Deus

Ted Levterov, Ph.D.

O adventismo nasceu de um profundo anseio, uma expectativa apaixonada pela Segunda Vinda de Jesus. Os primeiros adventistas ansiavam por viver para sempre com Cristo no lar que Ele preparou para eles. Afinal de contas, Jesus prometeu:

“Não se turbe o vosso coração; credes em Deus, crede também em mim. Na casa de meu Pai há muitas moradas; se não fosse assim, eu vo-lo teria dito. Vou preparar-vos lugar. E quando eu for, e vos preparar lugar, virei outra vez, e vos levarei para mim mesmo, para que onde eu estiver estejais vós também” (João 14:1-3, ACF).

A história começa com um fazendeiro chamado William Miller. Depois de enfrentar a morte no campo de batalha durante a Guerra de 1812, Miller começou a se debater com as questões mais profundas da vida. Sua busca por significado o levou de volta à Bíblia. Mergulhando nas Escrituras, teve sua fé em Deus reacendida. A Palavra de Deus tem poder transformador! Ela desperta e restaura o coração humano. Miller experimentou

exatamente essa renovação espiritual. “Em Jesus”, escreveu ele, “encontrei um Amigo, e a Bíblia se tornou meu prazer”.

Sendo um homem de lógica e razão, Miller embarcou em um estudo cuidadoso e sistemático da Bíblia que se estendeu por quinze anos, de 1816 a 1831. Seu objetivo era claro: mostrar que as Escrituras eram racionais e divinamente inspiradas. Quando chegou a Daniel 8:14, “Até duas mil e trezentas tardes e manhãs. Depois, o santuário será purificado”, Miller acreditou ter feito uma descoberta fascinante. Ele concluiu que essa profecia predizia o retorno iminente de Cristo para purificar a Terra e estabelecer Seu reino.

Embora Miller nunca tenha definido uma data específica, seus seguidores o incentivaram a restringir o período, o que levou à crença de que Cristo voltaria em algum momento entre 1843 e 1844. Então, em uma reunião de acampamento em Exeter, New Hampshire, em agosto de 1844, o pregador milerita Samuel S. Snow propôs uma data específica - 22 de outubro de 1844 - com base na tipologia do Dia da Expição. O entusiasmo se espalhou rapidamente. Jesus viria em apenas alguns meses!

Um artigo do *The Midnight Cry* capturou o eletrizante senso de urgência:

“Pego minha pena com sentimentos como nunca experimentei. Sem sombra de dúvida, em minha mente, o décimo dia do sétimo mês testemunhará a revelação de nosso Senhor Jesus Cristo nas nuvens do céu. Estamos, portanto, a poucos dias desse evento. Um momento terrível para aqueles que não estão preparados, mas glorioso para aqueles que estão prontos. Sinto que estou fazendo o último apelo que farei pela imprensa” (George Storrs, *The Midnight Cry*, 3 de outubro de 1844).

Às vezes me pergunto: Será que perdemos esse tipo de expectativa apaixonada pela Segunda Vinda? Quando estamos entusiasmados com algo - um esporte, um livro, um hobby - isso se espalha sem esforço. O mesmo aconteceu com os primeiros crentes do advento. Até o cauteloso Guilherme Miller escreveu, apenas duas semanas antes de 22 de outubro:

“Prezado irmão Himes: Vejo uma glória no sétimo mês que nunca vi antes. [...] Estou quase chegando em casa. Glória! Glória! Glória!!! [...] Minha alma está tão cheia que não consigo escrever. [...] Minhas dúvidas, medos e escuridão desapareceram. [...] Gritarei quando o ‘Rei dos reis vier’” (Guilherme Miller, *Midnight Cry*, 12 de outubro de 1844).

“E então chegou o dia 22 de outubro de 1844. Com o coração cheio de esperança, eles esperaram e esperaram, mas não havia sinal de Jesus. Passou o meio-dia e depois o pôr do sol. Chegou a meia-noite, mas Jesus não apareceu. O que se seguiu foi o que os historiadores chamam hoje de *O Grande Desapontamento*. Foi uma experiência devastadora que afetou a vida e o destino espiritual das pessoas.

Mais tarde, Hiram Edson descreveu o desgosto:

“Nossas expectativas estavam muito altas. O dia passou, e nossa decepção tornou-se uma certeza. Nossas maiores esperanças e expectativas foram destruídas, e um espírito de choro como nunca havia experimentado antes se apoderou de nós. Parecia que a perda de todos os amigos terrenos não poderia ser comparada. Choramos e choramos até o dia amanhecer” (Hiram Edson, Unpublished MS, 1844).

Você já sentiu esse tipo de decepção com Deus? Lembro-me de ter sido expulso da escola no nono ano, quando vivia sob um regime comunista na década de 1980, por me recusar a assistir às aulas no sábado. Orei por um milagre e esperava que Deus interviesse, mas Ele não interveio. Fiquei com o coração partido e com raiva de Deus.

As decepções com Deus são dolorosas. E para os mileritas, a dor não foi apenas por causa de um encontro errado - foi por causa de uma confiança abalada. Eles foram profundamente feridos, e muitos perderam não apenas a esperança, mas também a fé em Deus. Mas Deus não os havia abandonado. Ele nunca abandona.

Apenas dois meses depois, em dezembro de 1844, Deus deu uma visão a uma jovem chamada Ellen Harmon - mais tarde conhecida como Ellen G. White. Essa visão encorajou os crentes desanimados e reacendeu sua esperança no retorno de Cristo. Mas ela também revelou algo mais profundo: O Reino de Deus não era apenas um evento futuro - era uma experiência presente. Era tanto o “Ainda não” quanto o “Agora”.

Vamos refletir sobre essas duas dimensões do Reino de Deus e seu significado para nossa jornada espiritual de fé.

1. O REINO DO “AINDA NÃO”

Naquela primeira visão, Ellen White viu o povo de Deus caminhando por uma trilha estreita em direção à cidade celestial. Uma luz brilhante brilhava atrás deles, que um anjo identificou como o “clamor da meia-noite”. Essa luz iluminou o caminho para que eles não tropeçassem.

“Tinham uma luz brilhante colocada por trás deles no começo do caminho, a qual um anjo me disse ser o ‘clamor da meia-noite’. Essa luz brilhava em toda extensão do caminho, e proporcionava claridade para seus pés, para que assim não tropeçassem” (*Primeiros Escritos*, p. 14).

O que é o “clamor da meia-noite” e por que ele é comparado a uma “luz”?

Você se lembra da história em Mateus 25, a parábola das dez virgens? O noivo se atrasou, e todas as virgens adormeceram. Mas à meia-noite veio o grito: “O noivo se aproxima! Saiam ao encontro dele!” (Mateus 25:6). Esse grito, revelado por Deus na visão, ainda era uma realidade profética válida, afirmando a doutrina bíblica do breve retorno de Cristo. Deveria ser uma luz para a jornada à frente.

Por que uma luz? Porque é a maior notícia já contada. Ela marca o fim do pecado e da tristeza e o início do reino eterno de Deus. A segunda vinda de Cristo será o ápice da história humana. Como João escreveu em Apocalipse 21:4, 5: “Ele enxugará dos seus olhos

toda lágrima. Não haverá mais morte, nem tristeza, nem choro, nem dor, pois a antiga ordem já passou. [...] Eis que faço novas todas as coisas”.

Ou como Paulo descreveu: “Olho nenhum viu, ouvido nenhum ouviu, mente nenhuma imaginou o que Deus preparou para aqueles que o amam” (1 Coríntios 2:9). Ellen White afirmou repetidamente essa bendita esperança - a incrível **realidade futura** da Segunda Vinda de Deus. Ouça as seguintes citações de Ellen White:

Uma das verdades mais solenes, e não obstante mais gloriosas, reveladas na Escritura Sagrada, é a da segunda vinda de Cristo, para completar a grande obra da redenção. Ao povo de Deus, por tanto tempo a peregrinar em sua jornada na “região e sombra da morte”, é dada uma **esperança preciosa e inspiradora** de alegria, na promessa do aparecimento Daquele que é “a ressurreição e a vida”, a fim de “levar de novo ao lar Seus filhos exilados”. **A doutrina do segundo advento é, verdadeiramente, a nota tônica das Sagradas Escrituras.** Desde o dia em que o primeiro par volveu os entristecidos passos para fora do Éden, os filhos da fé têm esperado a vinda do Prometido, para quebrar o poder do destruidor e de novo levá-los ao Paraíso perdido (*O Grande Conflito*, p. 299).

“Estamos aguardando com alegre expectativa a breve vinda de nosso Senhor nas nuvens do céu. [...] Porventura alguém se cansará agora? Desistir de nossa fé? Perder a confiança? Ficar impaciente? - Não, não. Não pensaremos em tal coisa [...]. **Bem, que os filhos de Deus estejam cheios de esperança e coragem** [ênfase acrescentada], com alegria e arrebatamento, ao contemplarem as coisas que Deus preparou para aqueles que O amam” (“Cast Not Away Your Confidence”, *Review and Herald*, 31 de julho de 1888).

“O Senhor vem. **Erguei a cabeça e regozijai-vos.** Oh! gostaríamos de pensar que os que escutam as **boas novas**, que proclamam o amor de Jesus, estivessem repletos de gozo inefável e glorioso. Esta é a **boa, a alegre nova que deve eletrizar cada alma**, que deve ser repetida em nossos lares, e proferida àqueles com quem nos encontramos nas ruas. Que nova mais jubilosa pode ser transmitida!” (*Evangelismo*, p. 218).

A bendita esperança ainda brilha intensamente. Embora atrasada, a vinda de Cristo é certa. A visão confirmou que os adventistas estavam no caminho certo, guiados pela luz da profecia, sustentados pela promessa do breve retorno de Cristo.

2. O REINO DO “AGORA”

A visão de Ellen White também enfatizou uma realidade presente: O reino de Deus pode ser experimentado aqui e agora. Ela viu que os viajantes permaneceram seguros: “Se conservavam o olhar fixo em Jesus, que Se achava precisamente diante deles, guiando-os para a cidade, [...]” (*Primeiros Escritos*, p. 14). Isso é poderoso! Quando vivemos em um relacionamento com Jesus, começamos a vivenciar Seu reino no presente. A Segunda Vinda é uma esperança gloriosa, mas o Céu pode começar agora.

Jesus revelou essa mesma verdade em uma conversa com os fariseus. Quando eles Lhe perguntaram quando Seu reino viria, Ele respondeu dizendo que já estava presente. Antes de falar sobre os sinais de Sua segunda vinda, Jesus declarou: “o Reino de Deus está entre vocês” (Lucas 17:21). E Hebreus 11 descreve os fiéis como tendo visto as promessas “de longe”. Eles já estavam vivendo como cidadãos do Céu.

Ellen White afirmou essa verdade repetidamente:

“**O céu deve começar aqui na Terra.** [...] Aquele que recebe a Cristo pela fé viva, mantém viva comunhão com Deus. [...] Ele leva consigo a atmosfera do Céu, que é a graça de Deus, tesouro que o mundo não pode comprar. **Quem deseja ser santo no Céu precisa ser primeiro santo na Terra**” (Carta 18b, 1891).

“[Nosso Salvador] deseja que confiemos Nele, crendo em Suas palavras de forma tão absoluta **que possamos ter o Céu em nossa vida, agora mesmo.** Podemos experimentar o Céu em nosso coração e em nosso lar, nesta existência, se nossa vida estiver escondida com Cristo em Deus” (*Visões do Céu*, p. 167).

“Dos fiéis seguidores, Cristo tem sido companheiro diário, amigo familiar. Viveram em **contato íntimo, em comunhão constante com Deus.** A glória de Deus resplandeceu sobre eles. Refletiu-se neles a luz do conhecimento da glória de Deus, na face de Jesus Cristo. [...] Estão preparados para a comunhão do Céu; **pois têm o Céu no coração**” (*Parábolas de Jesus*, p. 229).

“Se tivéssemos visto o Céu, **iríamos desejar ter o Céu aqui embaixo. Precisamos vivenciar o Céu antes de entrar nele.** Temos de ter o **Céu em nossas famílias**, aproximando-nos de Deus continuamente, através de Cristo. Cristo é o grande centro de atração, e o filho de Deus, escondido em Cristo, se aproxima de Deus e fica encantado com a divindade” (Ellen G. White, *Visões do Céu*, p. 171).

O Céu pode começar aqui na Terra quando convidamos Cristo para entrar em nossa vida. À medida que crescemos em nosso relacionamento com Ele, nossa vida é transformada e renovada, e começamos a experimentar a alegria da salvação agora. Mesmo em momentos de decepção e dor, podemos sentir Sua presença e paz, sentir Seu perdão e misericórdia e viver com a esperança de Seu breve retorno.

CONCLUSÃO

Gostaria de encerrar com uma história. Um jovem que conheço cresceu na igreja, mas nunca cultivou um relacionamento profundo com Deus. Isso mudou há cerca de dois anos, quando ele teve uma conversão verdadeira, depois de um encontro aterrorizante com o demônio. Ele é uma das poucas pessoas que conheço que literalmente lutou com um espírito maligno.

No passado, costumávamos falar sobre carros velozes e empregos bem remunerados. Ele sonhava com liberdade e conforto, mas tudo mudou depois daquela batalha espiritual.

Pouco antes do Natal, falamos ao telefone por quase duas horas. Em determinado momento, ele riu e disse: “Pastor, dá para acreditar? Estamos conversando há duas horas

sobre Deus e Ellen White!” (Ele estava lendo *O Desejado de Todas as Nações* e ficou profundamente comovido com o que ela havia escrito.) Em seguida, acrescentou: “Não me importa o que tenho agora. Tenho dinheiro. Tenho uma casa confortável. Mas essas coisas não importam mais para mim. Deus é minha vida”. Ao ouvi-lo, percebi que ele já estava vivendo um gostinho do Céu - bem aqui, bem agora - enquanto esperava a vinda de Jesus.

Caro amigo, o que o está impedindo de vivenciar o Reino de Deus hoje?

Enquanto esperamos pelo “Ainda não”, que possamos viver plenamente a realidade do “Agora”. Caminhemos com Jesus a cada dia, mantendo nossos olhos fixos Nele. Pois, quando fazemos isso, o Céu começa aqui e agora, enquanto aguardamos ansiosamente Seu retorno para nos levar para casa. Como Ellen White disse de forma tão bela:

“Nosso crescimento na graça, nossa felicidade, nossa utilidade – tudo depende de nossa união com Cristo. É pela comunhão com Ele, todo dia, toda hora – permanecendo Nele – que devemos crescer na graça. Ele é não somente o Autor mas também o Consumador de nossa fé. É Cristo primeiro, por último e sempre. Deve estar conosco, não só ao princípio e ao fim de nossa carreira, mas a cada passo do caminho” (*Caminho a Cristo*, p. 69).

Que essa seja a nossa experiência. AMÉM!

Theodore N. Levterov, PhD, é ex-diretor do Escritório de Ellen G. White da Universidade de Loma Linda. Atualmente, ele atua como Diretor Associado do Patrimônio de Ellen G. White.